

Narrar e silenciar o quotidiano. A correspondência de Gabriella Asinari di San Marzano Sousa Coutinho (1789 – 1821)

To narrate and mute the everyday life. The correspondence of Gabriella Asinari di San Marzano Sousa Coutinho (1789 – 1821)

ANA CRISTINA ARAÚJO
Universidade de Coimbra
CHSC
araujo.anacris@sapo.pt

Texto recebido em/Text submitted on: 09/12/2015

Texto aprovado em/Text approved on: 22/06/2016

Resumo:

Neste estudo analisam-se aspetos relevantes da vida quotidiana e alguns episódios da história familiar de Gabriella Asinari di San Marzano que casou, em Turim, no ano de 1789, com o embaixador português D. Rodrigo de Sousa Coutinho. D. Gabriella era uma mulher esclarecida e sensível, descendente de uma das melhores famílias aristocráticas do Piemonte e desempenhou também um papel de primeiro plano no seu círculo familiar e na esfera social e política, tanto no Piemonte como em Portugal, na transição do século XVIII para do século XIX. Depois da Revolução Francesa e das transformações políticas que abalaram a Europa, as suas cartas revelam informações circunstanciais e importantes reflexões críticas sobre a atualidade política.

Palavras-chave:

Escrita epistolar; Género; Aristocracia; Vida quotidiana; Memória social.

Abstract:

In this study we analyze relevant aspects of everyday life and some episodes of family history of Gabriella Asinari di San Marzano who married in Turin in 1789, with the Portuguese Ambassador, Dom Rodrigo de Sousa Coutinho. D. Gabriella was an enlightened and sensitive woman, a descendant of one of the best aristocratic families of Piedmont and she also played an important role in their family circle and in the social and political sphere, both in Piedmont and Portugal, in the transition from the eighteenth century to century XIX. After the French Revolution and the political changes that have shaken Europe, her letters reveal circumstantial information and important critical reflections on current political events.

Keywords:

Epistolary writing; Gender; Aristocracy; Everyday life; Social memory.

Introdução

São pessoais e íntimos os testemunhos deixados por Gabriella Asinari di San Marzano (c.1769-1821). Grande parte dos documentos que fragmentariamente nos aproximam do círculo familiar, das representações do quotidiano e da trajetória de vida desta piemontesa, que viveu a maior parte da sua vida em Portugal, são autógrafos. No acervo de família existem cartas escritas a familiares e a amigos, bilhetes, apontamentos sobre património, contas de sua casa e outro tipo de registos como, por exemplo, relações de jóias, álbuns de gravuras e retratos de família.

A nossa reflexão, centrada no epistolário de D. Gabriella, privilegia os períodos que maior repercussão tiveram no quotidiano e no futuro de duas famílias, uma portuguesa e outra piemontesa, unidas por laços de sangue após o matrimónio de D. Gabriella Asinari de San Marzano com o embaixador português em Turim, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ocorrido em 8 de março de 1789. As cartas da esposa do embaixador e ministro português reportam, portanto, dois tempos e dois mundos em acelerada transformação: a Europa após a Revolução Francesa e o Brasil em vésperas da independência.

Na opinião de Andrée Mansuy-Diniz Silva, “D. Gabriella fut sans aucun doute le ‘pillier’ sur lequel D. Rodrigo put s’appuyer en toutes circonstances, et le contrepoids indispensable pour la vie d’homme d’État à laquelle il consacrait, au milieu des difficultés et des tourmentes, une part énorme de son temps et de ses énergies”¹.

Para além deste aspeto relevante na construção da biografia e trajetória política do embaixador de D. Maria I e ministro do príncipe regente D. João, importa realçar que D. Gabriella, sua mulher, não permaneceu imune aos sinais de convulsão cultural, social e política da sua época. A partir do que sentiu e observou, circunscreveu o seu universo íntimo e reelaborou a sua rede de correspondentes assimilando e rejeitando, ao mesmo tempo, comportamentos e valores em acelerada mudança. Com o passar dos anos, a partilha de notícias e a confissão de estados de alma foi-se tornando uma necessidade administrada com prudência e comedimento. Dividida entre narrar e silenciar as peripécias do quotidiano, D. Gabriella explica a um correspondente próximo a sua difícil e ambivalente posição narrativa nestes termos:

¹ Andrée Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares. 1755-1812*, t. II, *L’homme d’État 1796-1812*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2006, p. 203.

“J’ai tant de choses à vous dire, mon coeur a besoin de se soulager dans le sein de l’amitié, et de raconter à une personne aussi sensible que vous tous les sentiments qui nous agitent dans ce moment; mais la prudence exige de la modération. D’ailleurs, qui mieux que vous peut calculer les divers sentiments que nous devons éprouver, il n’est pas même nécessaire de vous les indiquer”².

O arquivo epistolar

O vasto e variado conjunto de documentação pertencente à Casa de Linhares, depositada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, contém uma coleção de cartas e bilhetes de D. Gabriella Asinari de San Marzano Sousa Coutinho respeitante ao período de permanência da família no Piemonte, entre 1789 e 1796, e outras missivas relativas à transferência da família para o Brasil e à organização do cotidiano na cidade do Rio de Janeiro, posteriores portanto a 1807³.

Este riquíssimo núcleo de correspondência aproxima-nos das representações sociais e culturais de uma família cortesã, funcionando também como crónica circunstancial de um tempo catastrófico e imprevisível. Pelo seu carácter pessoal e íntimo, este espólio epistolar autógrafo impõe-se igualmente como exercício inacabado de anamnese, revelador da personalidade, gosto e sensibilidade de quem escreve⁴.

Na composição da crónica familiar, a carta feminina exprime relações de cumplicidade, parcialidade, afeto e conveniência⁵. No seu movimento de vai

² Instituto Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa), Arquivo da Casa de Linhares, maço 66, doc. 25, carta de D. Gabriella a João Paulo Bezerra de 19 de outubro de 1808. Passamos a citar esta fonte de forma abreviada nas notas seguintes, assim: ANTT- ACL.

³ “Dans sa totalité, la correspondance de D. Gabriella est si abondante qu’à elle seule elle aura pu constituer un volume, et c’est à regret que j’ai dû procéder au choix des lettres qui me paraissent les plus importantes – réservant une publication intégrale pour une édition ultérieure”, André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 572-573. Esta autora transcreve e publica 16 cartas da 1ª condessa de Linhares, relativas ao período de 1808 a 1812, em apêndice à obra citada, algumas das quais analisaremos neste artigo.

⁴ Na linha da afirmação de Hans Erich Bödeker: “The private or personal letters, which in the European context emerged and spread from the 16th century at the latest, reveal to what extent the letter became a mode of fabrication modern individuality and subjectivity”, “Letters as a historical sources – some conclusions”, in R. Schulte y Xenia von Tippelskirch (eds.), *Reading, Interpreting and Historicizing: Letters as Historical Sources*, Florença, European University Institute, 2004, p. 200 <http://webdoc.sub.gwdg.de/ebook/p/2005/european_univ_inst/HEC04-02.pdf>, acessado em 9/10/2015.

⁵ É vasta a bibliografia sobre o papel e a função da correspondência feminina nos tempos modernos. Sobre o assunto, vejam-se, especialmente, Cohen, Elisabeth S., “Between oral and written culture: the social meaning of an illustrated love letter” in Diefendorf, B. Barbara e Hesse,

e vem, ela é fio de conversações e elo de relações vividas, imaginadas e/ou desejadas. Por isso, na dinâmica da correspondência, o silêncio e a palavra do destinatário afiguram-se tão importantes como o texto epistolar do emissor, convertido ou não em objeto de resposta. Porém, nem sempre a reconstituição das redes de escrita e de correspondentes se opera nos dois sentidos, porque as estratégias de conservação dos epistolários diferem de interlocutor para interlocutor.

Na ignorância do duplo movimento que a troca de correspondência instaura, fica a convicção de que as palavras e as coisas referidas em carta remetem para saberes partilhados e/ou invocam visões do mundo e gestos comuns. Por esse motivo, o conteúdo manifesto da carta, tomada em si mesma como documento, impõe o reconhecimento do meio sociocultural e histórico de quem escreve o quê e com que intenção, aspetos que se prendem, igualmente, com a circunstância em que uma carta é redigida e do tempo em que, inicialmente, se destina a ser lida⁶.

No caso em apreço, o facto das missivas autógrafas de D. Gabriella se terem conservado – não sem perdas, em pequenas séries contínuas – permite captar, com alguma nitidez, o fluxo de estórias que compõem a novela familiar, as preocupações de momento e os traços de envelhecimento de quem sobrevive à memória do tempo da escrita.

É claro que a leitura em bloco destas cartas subverte a ordem do tempo de quem escreve, porque instaura, a posteriori, a ilusão de um tempo único linear e contínuo, a partir da captação de vários “agoras”. Para o historiador, que

Carla (eds.), *Culture and Identity in Early Modern Europe (1500-1800). Essays in Honor of Natalie Zemon Davis*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 1993, p.181-200; Diego Navarro Bonilla, *Del corazón a la pluma. Archivos y papeles privados femeninos en la Edad Moderna*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2004; J.-P. Bardet e F.-J., *Au plus près du secret des coeurs? Nouvelles lectures historiques des écrits du for privé en Europe du XVIe au XVIIIe siècle*, Paris, Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2005; Xenia von Tippelskirch, “Reading Italian Love Letters around 1600”, in R. Schulte y Xenia von Tippelskirch (eds.), *Reading, Interpreting and Historicizing: Letters as Historical Sources*, Florença, European University Institute, 2004, p.73-89; e Benedetta Borello, “Family networking. Purpose and form of epistolar conversation between aristocratic siblings (Siena 17th century)”, in *Ibidem*, p. 107-122. -<http://webdoc.sub.gwdg.de/ebook/p/2005/european_univ_inst/HEC04-02.pdf>, acedido em 9/10/2015.

⁶ M. Bossis e C. Porter (dir.), *L'épistolarité à travers les siècles. Geste de communication et ou d'écriture*, Actes du colloque de Cerisy-la-Salle (1987), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990; Antonio Castillo Gomez, “‘El mejor retrato de cada uno’. La materialidad de la escritura epistolar en la sociedad hispana de los siglos XVI y XVII”, *Hispania*, LXV/3, nº 221, 2005, p. 847-876; e Ana Cristina Araújo, “A correspondência: regras epistolares e práticas de escrita”, in Margarida Sobral Neto (Coord.), *As Comunicações na Época Moderna, Lisboa, Fundação Portuguesa das Comunicações*, 2005, p. 119-145.

ensaia a recomposição de trechos do quotidiano a partir de diferentes momentos ou circunstâncias ínsitos ao conteúdo de cada carta, a narratividade da escrita epistolar decorre precisamente da operação de metamorfose e colagem de diversos fragmentos temporais. Os testemunhos da passagem do tempo sobre o fio da correspondência geram ainda um estranho efeito de proximidade e verosimilhança. É através da impressão produzida pelo autor que guarda e transmite, através da escrita, a memória de factos ocorridos dentro e fora do universo familiar que se tece a sua própria memória de vida⁷.

A ideia de conservação do património imaterial da família, cristalizado, em parte, no núcleo de correspondência do chefe da casa foi, de resto, uma das primeiras preocupações evidenciadas por D. Gabriella. Logo após o seu casamento com D. Rodrigo de Sousa Coutinho desempenha um papel decisivo na organização do arquivo epistolar do marido. Conversando com ele sobre o assunto, explica-lhe o critério de conservação e o modelo de arrumação que adoptou para salvar as diferentes coleções de cartas guardadas na sua biblioteca:

«j'ai arrangé tous tes papiers j'ai mis par ordre de dattes toutes les lettres de ta famille, [...] toutes les autres anciennes sont toutes pelle mêle dans les grands port-feuils, il y a en a 3 ou 4 [...] il y a un monde infini de lettres particulières très anciennes qui ne signifient rien; mais que je n'ose pas bruler puisque tu les a conservées depuis long temps»⁸.

A materialidade da correspondência

Antes de analisar o conteúdo do conjunto epistolar que seleccionámos, a diversidade de assuntos nele tratados, a função e os destinatários das mensagens, atenda-se à cultura gráfico-textual de D. Gabriella, ou seja, à materialidade do espólio, à forma da escrita, à competência estilística e ao domínio linguístico de quem escreve.

Uma boa gramática comunicativa em língua estrangeira, o francês, é utilizada para organizar o discurso e garantir a compreensibilidade dos textos que endereça, invariavelmente, a destinatários portugueses e italianos.

⁷ A simulação de proximidade o efeito de verosimilhança na correspondência familiar são tópicos bem sublinhados por Anastácio, Vanda, “ Entre Líneas. Función e intención en la correspondência de Döna Mariana Victoria de Borbón (1718-1781)”, in Castillo Gomez, Antonio e Sierra Blas, Verónica (dirs.), *Cartas – Lettres – Lettere. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX)*, Universidad de Alcalá- Servicio de Publicaciones, 2014, p. 243-256.

⁸ ANTT-ACL, maço 65, doc. 4, carta de D. Gabriella a D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 20 de agosto de 1796.

Portanto, D. Gabriella, em Itália, não escreve na sua língua-materna e estando em Portugal continua, até ao fim dos seus dias, a redigir as suas missivas, sem erros assinaláveis, em francês, ou seja, no idioma utilizado por boa parte das elites cultivadas do século XVIII.

No espólio da casa de Linhares encontramos apenas uma carta escrita por D. Gabriella em português. É a única que, na qualidade de jovem recém casada com D. Rodrigo, endereça à avó materna de seu marido, Dona Maria Barbosa da Silva⁹. Na referida carta protocolar D. Gabriella cumprimenta, implora proteção divina para a matriarca da família e declara-se sua “neta a mais obediente e fiel captiva”¹⁰

Todas as suas cartas, incluindo a que acabamos de referir, assinadas e datadas, dispõem-se em folhas de papel dobradas em duas ou em quatro partes. Muitas delas consignam numa das suas faces o nome do destinatário, o lugar de residência e outros informes relativos ao processo de expedição, por mar ou por terra, com ou sem indicação de portador. Nos sobrescritos conservados, observam-se, meticolosamente, as formas de nomeação protocolar que melhor assinalam a respeitabilidade da relação que D. Gabriella mantinha com os seus correspondentes. No meio da coleção que analisamos encontram-se ainda alguns bilhetes, nem sempre datados, escritos para enviar saudações, cumprimentos, recados ou informações breves, em regra, de caráter reservado. Escrevendo pelo seu próprio punho utiliza um cursivo elegante e legível, dispondo a sua escrita, apertada e minúscula, em linhas regulares e uniformes na folha de papel.

Nas cartas destinadas a membros da família e amigos, D. Gabriella não segue uma estrutura rígida de exposição, embora, na linha da tradição humanista, adopte, por vezes, uma elegante *salutatio* na abertura e finalize a redação da missiva com uma expressão de respeito e bondade, sob a forma de *petio ou captio benevolência*.

Enfim, a competência gráfica, ortográfica, cultural e linguística de D. Gabriella revela a esmerada educação que recebera em casa de seus pais, os

⁹ D. Maria Barbosa da Silva vem a falecer em 1791. Após receber a notícia da desaparecimento da avó, D. Rodrigo lastima em carta dirigida ao seu irmão, o Principal Sousa, o motivo de luto da família. Vide carta de 1.2.1792 publicada por SILVA, André Mansuy-Diniz, cit., t. I, p.598. A este respeito, recorde-se que a outra avó de D. Rodrigo, por via paterna, Dona Maria Antónia de São Boaventura Menezes, exercera um forte ascendente cultural na família. Para além da exigente educação que dera a seus filhos e netos, notabilizara-se pela sua dedicação às letras, traduzindo os três volumes de *L'Histoire de l'Église du Japon* do padre Jean Crasset e publicando uma pequena obra de devoção, intitulada *Delizioso e Novenario Exercício*, dedicada ao Conde de Oeiras que era, aliás, padrinho de batismo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

¹⁰ ANTT- ACL, maço 65, doc. 4, carta de D. Gabriella a D. Maria Barbosa da Silva, de 23 de março de 1789.

marqueses Asinari di San Marzano, membros da Corte piemontesa de Victor Amadeu III¹¹. De qualquer modo, os seus anos de formação e juventude foram apenas o cadinho de um percurso cultural marcado pela autonomia intelectual e pelo reconhecimento da abertura a novas ideias e culturas, proporcionada, em grande parte, pelo seu casamento com o diplomata e ministro português D. Rodrigo de Sousa Coutinho.



Figura 1 – D. Gabriella de Sousa Coutinho. Desenho de Domingos António de Sequeira – *Álbum do Palácio de Arroios* nº XXVIII.

¹¹ A família pertencia aos Grandes do Reino do Piemonte. D. Gabriella era filha do falecido marquês Filippo Valentino Asinari di San Marzano e de Gabriella dal Pozzo della Cisterna e neta do antigo governador de Nice e governador de Turim, desde 1783. Sobre o assunto veja-se, Andrée Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d'un homme d'État ...cit.*, t. I, p. 215-216.

O casamento: intimidade e etiqueta

No meio aristocrático o comportamento protocolar combina-se com o relato contido mas sincero de atitudes, gestos e intenções comuns e banais. O casamento de D. Gabriella, a sua apresentação, por carta, aos membros da família do marido, nomeadamente aos cunhados, as novidades que lhes transmite relativas aos primeiros anos de coabitação conjugal e ao nascimento dos primeiros filhos são alguns dos momentos excepcionais que ilustram a mescla de linguagens e o equilíbrio de atitudes que definem o retrato psicológico da consorte de D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Sobre os preparativos da cerimónia dos esponsais não encontramos na sua correspondência qualquer referência. Mas é sabido que D. Rodrigo de Sousa Coutinho, diplomata em Turim desde 1779, procurando assegurar “a tranquilidade, a honra e a segurança” do seu serviço à Coroa Portuguesa e, ao mesmo tempo, buscando superar das dificuldades financeiras de sua casa, contrai casamento, aos 34 anos, com D. Gabriella, de 19 anos, “uma senhora das mais distintas e ilustradas” famílias de Turim, conforme atesta o noivo¹². A cerimónia dos esponsais teve aprovação da Rainha Portuguesa, D. Maria I¹³, foi celebrada a 8 de março de 1789 no palácio do marquês de San Marsano e contou apenas com a presença de elementos da família da noiva e alguns representantes da corte e do corpo diplomático estrangeiro acreditado na Sardenha¹⁴.

Ente outros bens, D. Gabriella recebeu em dote uma coleção de jóias, estimadas em trinta mil libras piemontesas, que lhe foram entregues a 5 de março de 1789, a quando da assinatura do contrato de casamento, portanto três dias antes da celebração dos esponsais. Da relação elaborada para o efeito constam:

“Un orologio d’oro guarnite a diamanti con catanella d’oro guarnita a diamante, e perle fine con pietre preziose, e sue pandeloc... in uno stucchio. Un giro da collo tutto a diamanti. Un anello con fondo bleu, ornatto di diamanti, ed altro diamante più grosso nel mezzo, con suo stucchio. Un ritratto ovale

¹² ANTT-ACL, maçõ 91, doc. 61, carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Miguel Franzini de 16 de abril de 1788.

¹³ A este respeito sublinhe-se a importância, a longo termo, das estratégias de aliança matrimonial entre a dinastia de Sabóia e a Corte portuguesa, em particular o projeto fracassado de casamento entre o duque Vítor Amadeu II e a infanta Isabel Luísa Josefa, no último quartel do século XVII. Com uma visão de conjunto, Lopes, Maria Antónia e Raviola, Blyte Alice, *Portugal e o Piemonte: A Casa Real Portuguesa e os Sabóias - nove séculos de relações dinásticas e destinos políticos (XII- XX)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

¹⁴ Veja-se a transcrição do contrato de casamento em Instituto Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa), Desembargo do Paço (Estremadura-Corte-Ilhas) – Próprios, maçõ 2170, nº 142.

del Signor D. Rodrigo, contornato tutto di diamanti, con cimasa pure guarnita tutto di diamanti. Un anello con un solo grosso diamante, nel suo stucchio Atro anello a rosa contornato di sette diamanti ed uno piu grosso nel mezzo Un orologio d'oro guarnito di piccoli diamanti, allamare con guarnitura, e fiocchi pure di diamanti. Un aguccio a forma di rosa tutto di diamanti. Due pendenti da orecchi tutti di grossi diamanti Due braccialetti d'oro guarniti di diamanti¹⁵.

Ao valor das jóias somavam-se, ainda a título de dote, mais 3600 libras para despesas pessoais, ditas de alfinetes, juros anuais de 1050 libras e uma quantia de 5000 libras. Os montantes envolvidos eram elevados e excediam largamente a capacidade financeira de D. Rodrigo, que recorreu ao crédito da Misericórdia de Lisboa e a um vultuoso empréstimos concedido pelo negociante Pedro Quintela para conseguir pagar as suas despesas de casamento. Para cobrir os encargos da representação diplomática e do seu novo estado empenhou-se também junto da Coroa Portuguesa, tendo alcançado despacho, em duas vidas, da comenda de Santa Maria de Verim, obtido a concessão do senhorio de Paialvo e pugnado pelo reembolso de alguns serviços de representação prestados anos antes na legação de Turim¹⁶.

Depois de realizada a cerimónia do casamento, as primeiras cartas protocolares da mulher de D. Rodrigo são dirigidas aos mais chegados membros da família, em Lisboa. Na ordem do correio e com a mesma data de 23 de março de 1789, expede para os 3 cunhados residentes em Lisboa, Mariana, Maria Balbina e José António, uma breve e conjunta saudação. A folha de papel autógrafa apresenta um *post scriptum* de aliança conjugal, em que D. Rodrigo, com manifesta cumplicidade e ironia, escreve: «A ideia d'esta carta encyclopedica he minha mas não tive tempo para mais»¹⁷.

Filtrado através da correspondência elegante e próxima de D. Gabriella, o quotidiano familiar dos Sousa Coutinho em Turim não oculta sentimentos íntimos e revela igualmente momentos de partilha convivial em casa ou em espaços palacianos, sujeitos a rígidas regras de etiqueta.

Quando fala do marido não esconde a admiração e o amor que por ele sente, exaltando a sua enorme cultura e saber do mundo, mas também as suas qualidades humanas como pai e companheiro dedicado. Por carta, o seu arrebatamento amoroso revela-se nas personalíssimas formas de tratamento que

¹⁵ ANTT-ACL, maço 89, doc. 41.

¹⁶ Com mais informação, Andrée Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d'un homme d'État ...cit.*, t. I, p. 222-223.

¹⁷ ANTT-ACL, maço 62, doc. 40, carta D. Gabriella para aos cunhados em Lisboa, de 23 de março de 1789.

utiliza: «mon tendre amant, mon seul bien, mon bonheur, mon tout »¹⁸ e, entre outras, «mon tendre époux, l'amant de mon cœur, mon bien aimé»¹⁹.

Em 1796, no contexto da ameaça de ocupação francesa do norte de Itália, recolhe-se a um dos espaços da casa que o marido mais apreciava. Desolada e triste, com quatro filhos para criar, sente-se pronta a abandonar Itália. A poucos meses de se juntar a D. Rodrigo em Lisboa, traça esta imagem de si:

«Me voici arrivée à Turin, Rodrigue conçois-tu ma douleur je te cherche partout, et mon bien aimé n'y est pas, comment est-il possible que ta Gabrielle puisse rester dans ta Bibliothèque sans mourir de douleur de n'y pas voir son amant son bien aimé, cependant c'est là où elle te voie, elle est assise a la même place où tu écrivais toujours, son cœur se brise; en déluge de pleurs inonde son visage sans quelle puisse les retenir, oui mon tendre amant je te l'ai dit très souvent mon amour pour toi augmente tous les jours [...] mon cœur mon faible cœur sangre et se déchire»²⁰.



Figura 2 – D. Gabriella de Sousa Coutinho. Desenho de Domingos António de Sequeira – *Álbum do Palácio de Arroios* nº XXI.

¹⁸ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de 17 de abril de 1796.

¹⁹ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de 20 de agosto de 1796.

²⁰ ANTT-ACL, maço 65 doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 6 de agosto de 1796.

Imagens do álbum de família

A constância sentimental que marca a sua relação conjugal encontra eco no retrato amoroso que constrói dos filhos. Das quatro crianças que nasceram em Itália só três rapazes sobreviveram. Dos três meninos que viria a dar à luz em Portugal, um morreu aos quatro anos e os outros dois cresceram privados do afeto dos pais, tendo ficado em Lisboa, entregues ao cuidados dos tios depois da partida de D. Rodrigo e de D. Gabriella e dos restantes filhos para o Brasil, em novembro de 1807.

Apesar da atenção inicialmente concedida ao primogénito, Victorio Maria Francisco, nascido a 25 de junho de 1790, ao seu crescimento e educação – assim o revelam as notícias transmitidas à distância aos tios e ao padrinho – a mãe mostra-se igualmente carinhosa e atenta ao desempenho dos restantes três meninos, João Carlos, Francisco Afonso e Gabriella, nascidos em Itália, entre 1790 e 1796. Na ausência do pai e a respeito da relação que matinha com os filhos, que na altura tinham idades compreendidas entre os 6 anos e os 5 meses, confessa: “Sur le total, je suis contente de notre famille, quand je pense au Papa je suis glorieuse de me voir tous ses petits marmots au tours de moi. La petite est toujours la même, belle, bonne et très bien puissante”²¹.

Para o período italiano, as imagens de amenidade e de idílio familiar, que afloram na escrita maternal de D. Gabriella, foram igualmente fixadas pelo traço vibrante de Domingos António de Sequeira, não em tela mas em papel. No arquivo privado da casa, os desenhos a carvão do pintor, apesar de, na sua grande maioria, não se encontrarem datados, reportam pessoas e cenas de quotidiano familiar dos Sousa Coutinho nos anos 90 do século XVIII²². Domingos Sequeira, estando em Roma entre 1788 e 1795, e tendo pertencido à Academia Portuguesa e à Academia de San Luca terá conhecido o embaixador português em Turim e privado com a sua família no Piemonte, pouco antes de regressar a Portugal. Datam claramente deste período o retrato de perfil da bela e jovem mulher do embaixador e um outro desenho figurando a mesma senhora pensativa e melancólica, sentada talvez na cadeira do escritório do marido – como assinala o breve autorretrato atrás referido, datado de 6 de agosto de 1796.

No Álbum do *Palácio de Arroios* existem mais duas imagens que retêm a atenção do observador. Um desenho a carvão figurando o pequeno primogénito

²¹ ANTT-ACL, maço. 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 27 de agosto de 1796.

²² Encontram-se reunidos e publicados por Francisco Blanco Cordeiro, *Álbum do Palácio de Arroios. Desenhos de Domingos António Sequeira*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.

da casa, Vítório, em pose, sentado algures num jardim – os pés da criança não chegam ao chão e pela sua estatura o menino não parece ter mais de 6 anos. E um outro desenho figurando uma cena de pungente despedida familiar, com espetadores representados a traço fino em plano secundário. Ao centro, o negro das linhas bem vincadas a carvão retratam, com nitidez, uma figura masculina, vestindo casaca e envergando as insígnias da ordem de Cristo na lapela, que abraça ternamente uma mulher. Esta que traz ao colo um bebé e encontra-se rodeada por três meninos de tenra idade. Esta representação, carregada de sentimentalidade, pela similitude que mantêm com a evocação sofrida da partida definitiva do Piemonte de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em julho de 1796, denuncia uma composição evocativa próxima daquela data.



Figura 3 –O pequeno Vitorio de Sousa Coutinho. Desenho de Domingos António de Sequeira – *Álbum do Palácio de Arroios* n° XXXIV.

Ocasões extraordinárias e vida social em Turim

Voltando ao testemunho epistolar de D. Gabriella, fica-se com a ideia de que, nos primeiros tempos de vida familiar, em Itália, as coisas banais e sobretudo os momentos extraordinários são frequentemente descritos ou evocados no contexto de um quadro cerimonial tipicamente palaciano. Apenas dois exemplos: em resposta aos testemunhos de júbilo familiar pelo nascimento do primeiro filho do casal, D. Gabriella regista que estava rodeada de visitas de amigas quando recebeu a carta de felicitações natalícias enviada por sua cunhada, D. Mariana. E mais adiante, em gesto de feminina espontaneidade, dá pormenores, na resposta à mesma interlocutora, da gravidez e do parto:

«je commencerais par vous dire que mon silence les deux derniers courriers avant mes couches a été causé par des petites indispositions, que m'ont tourmenter toute ma grossesse, laquelle vous savez ma fait souffrir infiniment, moralement et fisiquement, j'étais persuadée que le moment où j'aurais donner le jour à l'enfant que je portais, le dernier de ma vie; je souffrais d'ailleurs infiniment»²³.

Fornece depois alguns pormenores do trabalho de parto ocorrido no seu quarto, o qual se desenrolou, segundo narra, ao longo de pouco mais de uma manhã e, por fim, acrescenta não ter sentido incomodidade de maior depois do nascimento da criança.

Um outro testemunho pessoal confirma a natureza sensível e simultaneamente protocolar da vida quotidiana desta mulher no Piemonte. Em abril de 1792, D. Gabriella informa o marido que fora visitar Mme Belozelki, na companhia de uma amiga. Tendo esperado mais de quinze minutos à porta do palácio, ficara indignada quando o mordomo da casa comunicou que a anfitriã estava à mesa e não queria receber visitas. Na sequência desta cena tão burlesca quanto real, evoca outras visitas mais cordatas efetuadas na companhia da mãe²⁴.

Como se depreende, em Turim, o diplomata português e a mulher mantinham uma atividade social intensa, participando ativamente do cosmopolitismo cultural de feição iluminista que contagiava o espírito reformador das elites

²³ ANTT-ACL, maço 62, doc. 40, carta de D. Gabriella para a sua cunhada, D. Mariana, de 11 de janeiro de 1792.

²⁴ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 11 de abril de 1792.

urbanas²⁵. Eram também convidados para as festas na corte de Víctor Amadeu III e visitavam a irmã do monarca, Maria Felicita di Savoia, figura que louvavam pela proteção que a princesa dava a uma instituição de acolhimento e educação de mulheres de todas as condições sociais, viúvas e pobres. Na correspondência não se identificam as obras de caridade e de assistência a que Madame Félicité, assim designada por D. Gabriella, se dedicava. Das várias as casas de proteção a mulheres desvalidas existentes em Turim, com destaque para a casa del Soccorso delle vergini e l'Ufficio Pio della Compagnia di San Paolo. Salienta-se que o Convitto, que reunia, sobretudo, viúvas e senhoras da nobreza. É provável que esta instituição concitasse o apoio da princesa e da elite cortesã piemontesa²⁶.

Em relação às redes de sociabilidade cultivadas nos salões femininos, o convívio esclarecido e o trato elegante de madame Carignan, rotulada de “Divine Princesse”, é celebrado, em especial, na correspondência de D. Rodrigo de Sousa Coutinho²⁷. Mas eram também muito apreciadas pelos círculos da elite piemontesa as assembleias e encontros realizados periodicamente em casa da irmã de D. Gabriella, que contavam com a assídua presença do casal Sousa Coutinho²⁸. Nos bailes, festas e espetáculos em Turim os dois, marido e mulher, eram convivas respeitados e apreciados.

O diplomata chegou a suportar a edição de libretos de ópera e a financiar o impressor Bodoni que os publicava, conforme regista D. Gabriella na sua correspondência. Em 1796 a mulher do embaixador aconselha o marido a adiantar o pagamento de 200 exemplares da cantata composta por Evasio Leone, impressa por Bodoni e dedicada ao príncipe regente de Portugal. Esta peça de esmerada edição, destinada a assinalar o nascimento do infante D. António, foi encomendada por D. Rodrigo. Contém uma dedicatória do diplomata ao príncipe e abre com uma ilustração de Vieira Lusitano. Foi remetida, com o apoio de D. Gabriella, para Lisboa pelo cônsul de Portugal em Génova, o cavaleiro Piaggio, e correu com o título *Le Virtú del Trono. Cantata per la nascita di S. A. R. Don Antonio Di Braganza Principe di Beira*²⁹.

²⁵ Sobre o assunto, vejam-se, por todos, Franco Venturi, *Settecento riformatore*, V: *L'Italia dei lumi (1764-1790)*, 2 t., Torino, Einaudi, 1987-1990 e Giuseppe Ricuperati, *Un laboratorio cosmopolitico. Iluminismo e storia a Torino nel Novecento*, Napoli, Esi, 2011.

²⁶ S. Cavallo, *Charity and power in early modern Italy. Benefactors and their motives in Turin, 1541-1789*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p. 109-115.

²⁷ Sobre o assunto veja-se, André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d'un homme d'État ...cit.*, t. I, p. 93 e t. II p. 534.

²⁸ *Vide infra* nota 30.

²⁹ Para consulta de um dos exemplares da obra conservados na BNP, vide <http://purl.pt/26186/3/#/8>, acedido em 20 /10/ 2015.

Com base nas relações que mantinha com o prestigiado impressor de Parma, D. Rodrigo alimentou, até tarde, o ambicioso projeto de patrocinar uma luxuosa edição Bodoni, em velino, dos *Lusíadas* de Camões, sonho que viria a ser concretizado, em 1817, com outra chancela editorial, em Paris, pelo morgado de Mateus, D. José Maria de Sousa, após a morte de seu primo de D. Rodrigo³⁰.

Os frequentes contactos do casal com as elites intelectuais e artísticas revelam-se na correspondência de D. Gabriella, que conviveu com muitos académicos e homens de letras, privou com o abade Caluso e com o cavaleiro de Novion, da Academia Real das Ciências de Turim e conheceu, também em Itália, o gravador Francesco Bartolozzi e o pintor Domingos António de Sequeira. Ambos retrataram o diplomata e a sua família e ambos conheceram a proteção do futuro ministro do príncipe regente D. João. Em 1802, com o início das obras do palácio da Ajuda em Lisboa, Sequeira é nomeado pintor da Corte e o velho Bartolozzi, então com 75 anos, aceita dirigir, em Lisboa, o gabinete de gravura da Impressão Régia³¹.



Figura 4 –Despedida de D. Rodrigo de Sousa Coutinho da mulher e dos quatro filhos (Itália -1796). Desenho de Domingos António de Sequeira – *Álbum do Palácio de Arroios* n° VI.

³⁰ Com mais informação sobre a biblioteca da Casa de Linhares e sobre as relações de D. Rodrigo com o editor de Parma, veja-se: Maria Luísa Cabral, *A Real Biblioteca e os seus criadores, 1755-1803*, Lisboa, BNP, 2014, p. 307-319. Sobre a edição de Mateus de *Los Lusíadas*, veja-se Anne Gallut, *Le Morgado de Mateus, editeur des Lusíadas*, Paris/ Lisboa, Lib. Klincksieck/ Bertrand, 1970.

³¹ Andrée Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d'un homme d'État... cit.*, t. II, p. 116-117.

Incerteza e insegurança em tempos de Revolução (1789-1796)

No centro destas redes de sociabilidade cortesãs, artísticas e intelectuais encontrava-se o círculo político dos diplomatas a que D. Rodrigo pertencia. O brilho do embaixador português, reforçado pelo fino gosto, sensibilidade e cultura da mulher, não passavam despercebidos aos demais enviados europeus acreditados no reino do Piemonte – Sardenha, muitos dos quais frequentavam a casa dos Sousa Coutinho como, por exemplo, o barão de Chambier, ministro de Frederico II da Prússia; o marquês de Gherardini, embaixador da corte de Viena de Áustria; o conde de Stackelberg, diplomata russo; e Robert Liston, secretário do enviado da Escócia e antigo aluno de David Hume, estimado por D. Rodrigo pela sua sagacidade e viveza de espírito³².

Com o início da Revolução Francesa, o círculo dos diplomatas, favorável ao governo dos príncipes e à monarquia absoluta, passou a acolher também emigrados franceses e espões internacionais. É nesse contexto que D. Rodrigo se aproxima do suíço Mallet du Pan e com ele conspira, juntamente com Monsieur Rey, servidor de Luís XVI e antigo Intendente de Polícia de Lyon.

Nos tempos conturbados subsequentes à prisão e morte do monarca francês e à aprovação da Constituição Francesa de 1791, em que o desalento e a tristeza pareciam minar o ânimo de D. Rodrigo, era D. Gabriella quem assegurava a normalidade do quotidiano, assistindo e relatando as queixas depressivas do marido.

Em abril de 1792 D. Rodrigo é chamado à capital portuguesa³³ e durante cerca de ano e meio a gestão patrimonial, a educação dos filhos e as questões políticas do momento preenchem o quotidiano da esposa. Das cartas que escreve ao marido nesse período algumas são interceptadas e outras que lhe são dirigidas, expedidas de Lisboa, também não lhe chegam às suas mãos. A guerra e as ameaças de intervenção militar francesa na fronteira do norte de

³² Em carta de D. Rodrigo ao amigo João Paulo Bezerra, então na Haia, datada de 20 de novembro de 1802, pode ler-se: “ Ce que vous me dites de la manière dont vous vivez avec mon ancien ami Mr Liston me fait bien du plaisir; il est élève du célèbre Hume, et il tolérât mes étourderies lorsque j’étais bien jeune à Turin [...]. Je suis aussi enchanté que vous ayez fait l’acquisition à la Haye du Comte de Stackelberg, avec lequel j’ai été fort lié à Turin, et qui était de la société de la Divine Princesse et de celle de ma belle-soeur; je vous prie de lui dire mille choses de ma part et de l’assurer combien moi et Me de Sousa nous nous rappelons souvent de son amabilité, et combien nous regrettons sa société”, André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 533-534.

³³ Sobre a missão diplomática de D. Rodrigo de Sousa Coutinho em Turim, veja-se Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva, *Ideário Político de uma Elite de Estado. O corpo diplomático (1777-1793)*, Lisboa, FCG/FCT, 2002, pp. 505 e ss.

Itália acentuavam a insegurança política e impunham algumas precauções. A par das ameaças de instabilidade política, a inflação aumenta, os rendimentos da casa descem e a contabilidade corrente apresenta um défice que D. Gabriella supera com venda de bens patrimoniais.

Mais tarde, em 1796, no meio de tremendas dificuldades económicas, prepara com meticoloso critério, a expedição da biblioteca reunida em Turim para a residência da família em Arroios, na capital portuguesa. É com esta questão importante que inicia uma das cartas que então escreve ao marido: “Je commence aujourd’hui ma lettre par te dire que la Bibliothèque est encaissée”. Refere que tem 20 caixotes arrumados e calcula “qu’il en faudra encore pour le moins 6 à 8”³⁴.

Para identificar as remessas embaladas, mandou elaborar um índice ou catálogo para cada caixote, a fim de evitar extravios e facilitar a conferência dos livros. Assinala algumas falhas nos catálogos, por motivo empréstimo, como, por exemplo, esta que comunica ao marido: «Le Comte de Napion m’a fait prier de lui laisser encore pour quelques jours l’ouvrage que tu lui a prêté»³⁵.

Na mesma ocasião reúne todos os papéis do marido, incluindo notas confidenciais, com o objetivo de salvar o arquivo pessoal do diplomata. Manifestamente, a biblioteca continuará a ser um assunto importante para o casal. Antes de abandonar definitivamente Turim, D. Gabriella dava conta, com algum desgosto, dos livros emprestados não devolvidos e perdidos, que não constavam, portanto, da remessa dos 30 caixotes expedidos do porto de Génova com destino a Lisboa. Entre outras perdas, menciona a ausência do volume 19 dos « *Procès Verbaux et des Pièces authentiques approuvés para l’Assemblée Nationale* »; do 2º volume da *Polizia Medica*, ou melhor do *System einer vollständigen medicinischen Polizey* de Johann Peter Frank; o tomo primeiro de *Voyages d’Italie et d’Hollande* do abade Coyer [...] e uma outra obra de referência que intitula *L’Allemagne Savante* e que talvez seja a *Bibliothèque Germanique ou l’Histoire Litteraire de l’Allemagne de la Suisse et des Pays du Nord*.

Este último registo, datado de 24 de Agosto de 1796, ocorre num momento de acentuada insegurança e pânico. Os exércitos de Murat e Buonaparte avançam em direção a Turim e não poupam a população do Piemonte do saque e da pilhagem. Perante a fraqueza do apoio austríaco, o governador da cidade de

³⁴ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 17 de abril de 1796.

³⁵ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 17 de abril de 1796.

Turim aceita negociar um armistício de curta duração com os representantes do Diretório. Ora, é neste contexto que encontramos, de novo, D. Gabriella só, com quatro filhos e alguns criados da casa, a viver com sérias dificuldades e a aguardar ordem para abandonar Itália. Depois da retirada oficial do marido, em finais de julho de 1796, a família reagrupar-se-á em Lisboa um ano depois.

Neste curto intervalo, são recorrentes as queixas de falta de dinheiro, as notícias de mortes, assassinios, roubos, boatos e conspirações. Enquanto o irmão lutava contra a França ao lado do exército austríaco, D. Gabriella continuava a frequentar o velho círculo de diplomatas e emigrados, fiéis à casa reinante de Sabóia. Por força do seu papel e envolvimento político neste núcleo de conspiradores, as suas redes de contacto restringem-se drasticamente. Na correspondência para o marido, o noticiário político e o envio de documentos provenientes de chancelarias diplomáticas das potências aliadas contra a França tornam-se frequentes. Em segredo escreve ao marido, a 6 de agosto de 1796, “Je te adresse une copie de la lettre que Guerardini [enviado diplomático austríaco em Turim] a reçu ainsi que la copie d’une lettre de Bonnaparte, celle-ci je la tiens du docteur, il ma assuré que s’est un Patriote qui le la laisse communiquer [...]. On apure que les autrichiens ont leur quartier général á Lodi et leurs postes avancés dit-ont a Monsa. On ajoute que les autrichiens ont passé le Po”³⁶. Por fim, depois de consumada a perda de Génova e a ocupação de Turim, é este o seu parecer político: “On parle beaucoup d’une armistice de l’Empereur et même de la Paix [...] mais je ne crois rien. Hier il est passé un courier français [...] Mr de Stallberg ma dit avoir très mauvaises nouvelles pour le Pape. On dit que les français exigent de Sa Sainteté des choses qu’il ne peut plus faire”³⁷.

Estas informações são dadas ao mesmo tempo que trata dos preparativos da sua viagem definitiva para Lisboa. Nesse curto período procura vender alguns trastes de sua casa e preservar outros, com os quais pretende mobilar os seus futuros aposentos na capital portuguesa. Por isso, pede a D. Rodrigo: “Rappelle-toi de m’envoyer la mesure de tes chambres à Lisbonne pour voir si nos meubles ici peuvent y aller et mande moi ce qui te convient que je porte d’ici”³⁸.

Uma vez obtido o passaporte, discute com a família a possibilidade de embarcar, em navio inglês ou americano, no porto de Génova com destino a Lisboa ou de seguir pelo sul de França até à fronteira terrestre portuguesa com

³⁶ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 6 de agosto de 1796.

³⁷ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 27 de agosto de 1796.

³⁸ ANTT-ACL, maço 65, doc. 2, carta de D. Gabriella para D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 6 de agosto de 1796.

Espanha. As opiniões acerca da segurança da viagem de D. Gabriella, dos 4 filhos e dos 2 criados que a acompanham dividem os poucos familiares e amigos que estão ao corrente da situação. Guarda sigilo sobre o assunto e abandona Itália para sempre, por terra, realizando um trajeto arriscado e sofrendo a penosa experiência de sujeitar os três meninos e a sua bebé, com cerca de um ano, a uma aventureira e difícil prova de resistência³⁹.

Ultrapassada esta tremenda e atribulada fase de sua vida e após uma década de residência em Portugal continental, D Gabriella, na companhia do marido e dos três filhos mais velhos, realiza outra viagem memorável, cruzando o Atlântico com destino ao Rio de Janeiro.

Um mar de dificuldades: a vida sem corte no Rio de Janeiro

A adaptação ao quotidiano da Corte de Lisboa é matéria que não aborda nas cartas que escreve para as amigas e para as senhoras de família que haviam permanecido em Turim. O silêncio a respeito do convívio com as mulheres de outros ministros e damas da Corte, relacionado talvez com o seu calculado distanciamento da política de câmara da princesa D. Carlota Joaquina, contrasta com a atenção que lhe merecem os filhos, a casa e o desempenho ministerial do marido, que ocupa a pasta de Secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, entre 1796 e 1803, e que, cumulativamente, exerce o cargo de Presidente do Real Erário, de 1801 a 1803, ano em que é afastado do governo.

A desagregação do ministério acompanha a escalada de tensão política no reino. O governo é arrastado para o conflito internacional entre a França e a Inglaterra, e, cada vez mais isolado, o país enfrenta a ameaça de invasão napoleónica. Nesse período de forte instabilidade, em que o boato de rua, a espionagem de guerra e a conspiração de gabinete dominaram a cena política, D. Rodrigo e a família optam por passar largas temporadas na sua quinta de Lagoalva, no Ribatejo. No auge da crise, quando tudo parecia desabar, perante a eminência da ocupação militar francesa, o casal toma a decisão de acompanhar a comitiva real e parte para o Brasil.

A esquadra que transportava a família real e muitos milhares de portugueses que fugiam à guerra, partiu do cais de Belém a 30 de Novembro de 1807

³⁹ Anos mais tarde, o filho mais velho, evocando este episódio, precisa que a “irmã morreu em Lisboa, resultado do cansaço da viagem por terra, no dia de S. Bartolomeo de 1797, com um 1 ½ anno de idade”, ANTT-ACL, maço 94, do. 54 s.d.. Sobre o correio diplomático relativo à viagem de Turim para Lisboa de D. Gabriella e seus filhos, veja-se André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d'un homme d'État ...cit.*, t. II, p. 208-211.

acabando por dispersar-se em alto mar. O barco que transportava os Sousa Coutinho aportou ao Rio de Janeiro a 12 de fevereiro de 1808. Na carta aos cunhados, datada de 27 de dezembro de 1808, D. Gabriella relata os 77 dias passados em navegação, as privações e angústias dos passageiros, a aflição e o sofrimento que ela e o marido passaram. A lembrança deste acontecimento excepcional aflora também na narrativa mais breve, mas não menos intensa, enviada ao amigo João Paulo Bezerra, embaixador de Portugal nos Países Baixos, em 29 de Julho de 1808.

Cruzando a informação contida nas duas epístolas, descobrem-se os traços fortes da memória trágica da viagem. Diz que o embarque foi deplorável e precipitado, que a bordo do navio em que viajava seguiam 1045 pessoas, algumas das quais sem nada que comer nem vestir, que todos os passageiros passaram fome, alguns morreram no caminho e muitos provocaram desacatos e cenas horríveis. E sem esconder o que viu e sentiu, censura o cunhado, grande oficial de Marinha, que os acompanhou naquela odisseia: “malheureusement notre frère François a fait des scènes qui ne lui ont pas fait honneur et qui me paraissent à moi-même impossibles, ce qui a fait beaucoup de mal à sa réputation”⁴⁰. Preocupada com o estado do marido, cuja morte chegou a temer, precisa: “mon Rodrigue était d’une maigreur extraordinaire [...] Enfin la Providence est grande puisque nous avons pu résister à ce que nous avons souffert [...] les incommodités du voyage divisaient notre attention, et je crois que c’est ce qui nous a empêché de crever de douleur”⁴¹.

Dos primeiros contactos com as terras e gentes da colónia, retém, sobretudo, a dureza do clima e a falta de casas para alojar tantos cortesãos e novos residentes⁴². Depois de uma morada provisória, D. Rodrigo, nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra e elevado, em 1808, à dignidade de Conde de Linhares, teve o privilégio de ocupar uma das casas mais ricas da cidade. Nela tinha o seu gabinete de trabalho, ou seja, despachava os assuntos do ministério e recebia embaixadores estrangeiros, sob o olhar atento e cúmplice da esposa.

⁴⁰ ANTT-ACL, maço 65, doc. 20, carta de D. Gabriella para o Principal Sousa e suas cunhadas de 27 de dezembro de 1808. Cf. transcrição integral da mesma em André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 578-595.

⁴¹ ANTT-ACL, maço 65, doc. 20, carta de D. Gabriella para o Principal Sousa e suas cunhadas de 27 de dezembro de 1808. Cf. transcrição integral da mesma em André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p.580.

⁴² Sobre este último aspecto, veja-se, Malerba, Jurandir, *A Corte no Exílio. Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 125 e ss. Schlutz, *Versalhes Tropical. Império, monarquia e a Corte Real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, pp. 153 e ss.

Nesta fase, a matéria do discurso epistolar de D. Gabriella para amigos e familiares confina-se à atividade política, à análise das intrigas de gabinete e disputas de governo. Enaltece, a cada passo, o talento superior do marido e a sua capacidade de trabalho e deste recebe elogios e manifestações de reconhecimento, como a que revela este desabafo: “Mon Rodrigue a lu ce que j’ai écrit hier 27, il m’a dit que j’étais exacte historienne”⁴³.

Os motivos de diversão pública eram limitados e as ocasiões festivas na Corte também não eram do agrado de D. Gabriella, que confessa: “j’ai le cœur bien petite et bien peu porté pour des fêtes auxquelles il faut assister bon gré mal gré”⁴⁴. Apenas D. Rodrigo se deslocava quase diariamente à Corte, ao cair da tarde. Este ritual do marido era precedido por um outro hábito cotidiano do casal, o passeio de fim de tarde num dos locais mais bonitos do Rio de Janeiro, e que é descrito, por D. Gabriella nestes termos:

“À 4 heures nous dînons; après le dîner j’exige, et c’est la seule chose que j’ai pu gagner sur lui pour sa santé, nous faisons tous les jours une promenade en voiture; nous allons presque toujours du côté da Gloria, ou l’on voit l’entrée de la *barra*, et là, comme Barbe-bleu, je vais toujours voir si je ne découvre rien. Bien souvent nous voyons arriver des vaisseaux [...]. Nous appelons notre promenade “l’éternelle Gloire”. Au retour, nous passons à l’Imprimerie Royale; comme c’est un établissement nouveau, la présence du chef est nécessaire. Ensuite je reviens à la maison, ou je passe des soirées fort tristes”⁴⁵.

A este traço do cotidiano familiar acresce a sensibilidade da narradora que, fazendo referência ao personagem Barba-Azul do conto infantil de Charles Perrault, procura sublinhar, com maliciosa franqueza, a curiosidade da esposa em relação aos segredos do marido.

O peso crescente da política na vida privada dos condes de Linhares é patente nas cartas expedidas a partir do Rio de Janeiro para o diplomata e amigo de juventude de Rodrigo, João Paulo Bezerra. Destacamos, aqui, apenas um tópico dessa interessante correspondência que remete para a influência exercida pelo ministro e sua mulher na reconstituição, à distância, de velhas das redes

⁴³ ANTT-ACL, maço 65, doc. 20, carta de D. Gabriella para o Principal Sousa e suas cunhadas de 27 de dezembro de 1808. Cf. transcrição integral da mesma em Andréa Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 585.

⁴⁴ ANTT-ACL, maço 66, doc. 25, carta de D. Gabriella para João Paulo Bezerra de 11 de outubro de 1810. Cf. Andréa Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 619.

⁴⁵ ANTT-ACL, maço 66, doc. 25, carta de D. Gabriella para João Paulo Bezerra de 19 de outubro de 1808. Cf. Andréa Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 599-600.

políticas e familiares. Antes de ocupar o posto de ministro plenipotenciário em S. Petersburgo, embaixada confiada por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em 1810, João Paulo Bezerra foi enviado extraordinário da Corte Portuguesa na Holanda, desde 1802, e, nessa qualidade, reativou relações com outros diplomatas amigos do ministro e com membros da família San Marzano exilados. Em Berlim contactou diretamente com o irmão de D. Gabriella, providenciou auxílio e passaportes para este e outros emigrados, foi portador de cartas e encomendas vindas do Rio de Janeiro e, até 1812, enviou regularmente aos condes de Linhares notícias relativas aos membros da família que haviam emigrado do Piemonte.

Quando sobreveio o episódio fatídico da morte de D. Rodrigo, ocorrido a 26 de janeiro de 1812, no Rio de Janeiro, D. Gabriella expôs a sua aflição ao amigo e descreveu aos cunhados, com riqueza de pormenores, a doença súbita e o passamento do ministro. Segundo os médicos a morte teria sido causada por malária. Mas D. Gabriella insiste que o motivo que, em seu entender, provocou o mortal acidente que vitimou D. Rodrigo foi a violenta discussão que ela mesma presenciou, em sua casa, entre o marido e o embaixador inglês, Lord Strangford⁴⁶.

Viúva, a viver no Rio de Janeiro, em casa com bom recheio de mobília, mas sem o lustre de outrora⁴⁷, renuncia regressar à Europa. Nesses tempos difíceis confessa: “j’ai du courage pour tout, je sais heurement m’adapter à tous les tours de la fortune”⁴⁸. Transportando consigo a memória afetiva que tornara tão aventureira a sua existência, redige o seu testamento, no Rio de Janeiro, a 12 de janeiro de 1816.

No ato de última vontade, não revela possuir traços de fortuna. Declara amar os filhos de forma igual. Trata condignamente as criadas, a mais antiga das quais piemontesa, e uma escrava. A todas premeia com pequenas dádivas em dinheiro e vestidos do seu guarda-roupa. Pede que o funeral se faça com “modéstia e simplicidade compatível com o país”, pretende ser amortilhada

⁴⁶ ANTT-ACL, maço 65, doc. 20, carta para o Principal Sousa e cunhadas de 5 de fevereiro de 1812, transcrita por André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 638-654.

⁴⁷ Existe um curioso apontamento, não datado, sobre as divisões e o mobiliário da casa dos condes de Linhares, escrito pelo herdeiro, D. Victorio. Neste documento mencionam-se 4 salas, 1 biblioteca, 2 quartos de dormir e 1 quarto de toucador, com os respetivos móveis, lustres e cortinas, ANTT-ACL, maço 91, doc. 74.

⁴⁸ ANTT-ACL, maço 66, doc. 25, carta de D. Gabriella para João Paulo Bezerra de 29 de abril de 1812 e maço 66, doc. 25, carta de D. Gabriella para João Paulo Bezerra de 29 de abril de 1812. Cf. André Mansuy-Diniz Silva, *Portrait d’un homme d’État ...cit.*, t. II, p. 655.

com vestido de viúva, “com todo o vigor e economia”⁴⁹, e pede ainda que as suas cinzas repousem ao lado das do marido. A abertura do testamento ocorre muito mais tarde, a 25 de janeiro de 1821, a quando do seu falecimento.

No rasto destes diversos testemunhos de intimidade e segredo desvendam-se os nós de um quotidiano construído de portas a dentro, mas também as rugas de envelhecimento de um retrato pessoal que parece contrariar a versão oficial que dele se fez. Na verdade, estava já morta e enterrada D. Gabriella quando a rainha D. Carlota Joaquina assina, em 19 de fevereiro de 1821, provisão para que fosse passada carta de camareira-mor à condessa de Linhares⁵⁰. O efeito de ilusão deste documento é óbvio. À vida sem corte no Rio de Janeiro justapunha-se esta ilusória prova de vinculação, nunca materializada mas postumamente decretada a pensar na posteridade⁵¹.

⁴⁹ ANTT-ACL, maço 95, doc. 4.

⁵⁰ ANTT-ACL, maço 90, doc. 57.

⁵¹ Depois do falecimento de D. Gabriella, o herdeiro reclama, em cumprimento da portaria de 19 de novembro de 1817, os ordenados em atraso do pai, alegando que a viúva nunca os recebera, ANTT-ACL, maço 91, doc. 51.

